

## COVID-19 e petróleo: panorama atual e rumos energéticos

Flávio Lira\* e Felipe dos Santos Oliveira\*\*

**Resumo:** Esta é uma pequena apresentação conjuntural do panorama global do petróleo e, em menor escala, das energias renováveis no contexto de um mundo em pandemia. Nesta análise, serão trazidos dados sobre consumo, produção e preço deste hidrocarboneto, seguidos de uma discussão acerca do impacto sofrido pela indústria de petróleo e as perguntas que se colocam acerca da transição energética em 2020. Conforme se concluirá, a atual dinamicidade das mudanças no mercado energético ainda não permite previsões de monta acerca dos rumos do petróleo e, em menor escala, das energias renováveis, mas é possível delinear algumas possibilidades para a energia em um momento de adaptação à atual crise. Foram utilizados, primordialmente, dados da Agência de Informação Energética dos EUA (EIA) e da Agência Internacional de Energia (IEA). Esta pretende ser uma análise introdutória e não exaustiva acerca de um fenômeno que, no momento de sua escrita (junho de 2020), ainda se desenrolava.

**Palavras-chave:** Petróleo; Energias Renováveis; COVID-19.

### Introdução:

O panorama energético de curto prazo da Agência de Informação Energética dos EUA (EIA) apontava que o petróleo bruto tipo Brent custaria, em média, US\$ 61 por barril (b)<sup>1</sup> em 2019 e US\$ 65/b em 2020, sofrendo um aumento desde o fim de 2018, mas, no geral, com um preço menor que a média de 2018: US\$ 71/b. O preço do petróleo bruto do tipo West Texas Intermediate (WTI) foi US\$ 8/b a menos que o preço do Brent em dezembro de 2018, e era esperado que essa diferença diminuísse para US\$ 4/b no primeiro trimestre de 2019 e ao longo de 2020 (EIA, 2019a). Esperava-se que os preços regulares da gasolina no varejo nos Estados Unidos seguissem as mudanças no custo do petróleo, passando de uma média de US\$ 2,73<sup>2</sup> por galão em 2018 para US\$ 2,47 por galão em 2019, antes de subir para US\$ 2,62 por galão em 2020 (EIA, 2019a). Como cada barril de petróleo bruto possui 42 galões, uma variação de US\$ 1/b no preço do petróleo geralmente se traduz em uma variação de 2,4 centavos por galão no preço de produtos petrolíferos, como a gasolina (EIA, 2019a). Ainda, foi previsto que os estoques globais de petróleo e outros combustíveis líquidos

---

<sup>1</sup> 1 barril norte-americano = 158,9 litros.

<sup>2</sup> 1 barril norte-americano = 158,9 litros.

\* Pós-doutorando no Institute for Advanced Sustainability Studies em Potsdam, Alemanha. Professor Adjunto de Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). (flaviolira@unipampa.edu.br).

\*\* Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). (felipeoliveira.aluno@unipampa.edu.br).

aumentaram em uma taxa média de 0,4 milhão de barris por dia (mb/d) em 2018 e em cerca de 1,0 milhão b/d no quarto trimestre de 2018 (EIA, 2019a).

Em julho de 2019, a EIA produziu um relatório mostrando que o consumo de petróleo dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) seria menor do que o esperado. Isto se explica pelo clima ameno durante os meses mais frios na Europa, o que reduziu o consumo da mercadoria, concomitantemente à queda do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dos países da OCDE. Porém, o consumo de combustíveis líquidos de países não membros da OCDE seria 1,1 mb/d maior do que o esperado (EIA, 2019b). Já sobre o ano de 2019, os dados fornecidos pela EIA no início de 2020 mostraram que o preço do petróleo bruto tipo Brent foi US\$ 7/b menor do que a média de 2018, assim como os preços WTI. A diferença foi no preço de cada referencial, pois, enquanto o Brent teve queda de US\$ 71/b para US\$ 64/b, o WTI teve queda de US\$ 64/b para US\$ 57/b (EIA, 2020a).

Em 2019, os EUA foram o país que mais produziu petróleo no mundo, concentrando 18% da produção mundial, seguidos de Arábia Saudita (12%), Rússia (12%), Canadá (6%) e Iraque (5%) (IBP, 2020). Dentre os maiores consumidores de petróleo e outros líquidos derivados do gás natural, tem-se EUA, China, Índia, Japão e Arábia Saudita (BP, 2020). Em relação à participação no total global, os maiores exportadores de petróleo foram Arábia Saudita (13,3%), Rússia (12,1%), Iraque (8,3%), Canadá (6,8%) e Emirados Árabes Unidos (6,6%) (WORLD'S TOP EXPORTS, 2020a). A diferença entre produtores e exportadores se explica pelo fato de que os EUA consomem grande parte da sua produção, diferentemente de outros países que têm sua economia baseada na exportação do petróleo e outros hidrocarbonetos. Os maiores compradores de petróleo bruto durante 2019 foram a China, os Estados Unidos, a Índia, o Japão e a Coreia do Sul, representando, respectivamente, 22,6%, 12,5%, 9,7%, 6,9% e 6,6% das importações totais de petróleo bruto (WORLD'S TOP EXPORTS, 2020b).

Para o ano de 2020, previu-se, pela EIA, que os preços do petróleo bruto iriam cair no primeiro semestre, e então cresceriam até 2021. A agência considerou que, pelos eventos geopolíticos que haviam acontecido no fim de 2019 e no início de 2020 (ataques a navios

tanques no Golfo Pérsico), o preço do petróleo bruto teria um leve aumento, diminuindo, contudo, ao longo da primeira metade de 2020 e sofrendo um aumento posterior ao longo do ano (EIA, 2020b).

### A diminuição na demanda por petróleo em 2020

As medidas de isolamento e confinamento – o chamado *lockdown* – ao redor do mundo provocaram significativa queda na circulação de pessoas e mercadorias, o que fez com que os preços dos combustíveis diminuíssem consideravelmente e a demanda por petróleo caísse. O consumo de petróleo nos EUA chegou ao seu nível mais baixo em décadas, e a demanda ficou em 13,8 mb/d na terceira semana de abril, o pior nível desde o início dos anos 1990, além do valor do barril ter sido 31% menor em abril do que a média entre janeiro e março (EIA, 2020c). Em termos absolutos, a gasolina, que é o principal derivado do petróleo, teve queda de 40% em sua oferta nos EUA, caindo de 8,9 mb/d entre janeiro e março para 5,3 mb/d na semana do dia 17 de abril (EIA, 2020c).

De acordo com a IEA, a China, epicentro inicial da pandemia da COVID-19, seria o país que mais sofreria com a demanda de petróleo no primeiro trimestre de 2020, com uma redução anual de 1,8 mb/d; já a demanda global cairia 2,5 mb/d. Os planos de contenção do avanço do vírus na China permitiriam que, no segundo semestre, o país compensasse a queda na demanda em outros países e a melhora do cenário para o insumo dependeria das ações governamentais para conter o surto em seus respectivos países (IEA, 2020a).

### A guerra dos preços do petróleo

Além da emergência representada pela pandemia de COVID-19 – que provocou queda na demanda por petróleo devido à diminuição das movimentações rodoviárias e aéreas – já era esperado algum abalo nos preços do petróleo devido à crescente capacidade de refino que não vinha acompanhando o aumento da demanda, além das novas especificações para navios petroleiros. Há, ainda, uma questão geopolítica envolvida. Segundo a IEA, desde 2018, a produção de petróleo de Líbia, Irã e Venezuela<sup>3</sup> foi reduzida

---

<sup>3</sup> Países membros da OPEP+, aliança entre a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e países com produção significativa de petróleo, em especial a Rússia.

em 3,5 mb/d, pois, mesmo antes da crise da COVID-19, o mercado já enfrentava excesso de estoque. Assim, os membros da OPEP+ se viram obrigados a diminuir sua produção para manter os preços. Prevê-se que a demanda global por petróleo cresça a uma taxa anual média de pouco menos de 1 mb/d até 2025 e um acumulado de 5,7 mb/d, sendo a China e a Índia os maiores importadores, e que o fornecimento de petróleo por países não membros da OPEP+ cresça 4,5 mb/d, contra 1,4 mb/d dos países membros da OPEP+ (IEA, 2020a). A previsão se baseia na hipótese de que as sanções dos EUA contra a Venezuela e Irã permaneçam.

Em abril de 2020, a OPEP+ realizou uma videoconferência para tratar dos preços do petróleo. Ficou definido que haveria ajustes no nível da produção e que, de 1º de maio a 30 de junho, esta cairia para 10 mb/d; para 8 mb/d entre julho e dezembro; e, finalmente, para 6 mb/d de janeiro de 2021 até o fim de abril de 2022 (OPEP, 2020a). Porém, dias depois, houve correções para os ajustes, os quais seriam de 9,7 mb/d, 7,7 mb/d e de 5,8 mb/d, respectivamente, nos mesmos períodos. O ajuste, porém, não valeria para o Reino da Arábia Saudita e para a Federação Russa, com os níveis de produção configurados em 11 mb/d para ambos os países, com vigência até abril de 2022, prevista uma revisão de contrato para dezembro de 2021 (OPEP, 2020b). A situação entre Rússia e Arábia Saudita ocasionou uma crise dentro da OPEP+ (a chamada “guerra dos preços”) devido à a inflexibilidade da Rússia em diminuir sua produção diante da crise da COVID-19.

Apesar dos mercados relativamente estagnados, a crescente demanda asiática aparentemente permitiria que a oferta de petróleo se mantivesse estável. Assim, prevê-se que a produção de países da OPEP+ cresça com o tempo, a depender da abertura gradual das atividades afetadas pelas medidas de contenção da pandemia. Estima-se que a crescente demanda da China e da Índia permitam uma retomada no crescimento da produção da OPEP+ (IEA, 2020a). Assim, os países membros da organização, especialmente os do Oriente Médio, passam a ter maior controle sobre a produção mundial.

### **O crescimento dos modais renováveis durante a pandemia**

A demanda por energia mundialmente deve cair cerca de 6% em 2020 na esteira de uma eventual – e gradual – reabertura dos serviços e das atividades afetadas. A demanda por energia renovável cresceu cerca de 1,5% no primeiro trimestre de 2020, particularmente devido aos seus baixos custos operacionais. O setor de energias renováveis (S.E.R.) compõe 13% da oferta global de energia e 27,5% da oferta do setor elétrico (IEA, 2020b). Não é possível, porém, descrever um comportamento generalizado no S.E.R. no primeiro semestre de 2020 dada a variedade de modais que o compõem (como energia hidrelétrica, eólica, solar), além das idiosincrasias dos atores responsáveis pela sua implantação e operação.

Países nos quais a transição energética<sup>4</sup> se encontra mais avançada (como em diversos estados membros da União Europeia), a tendência é que, inicialmente, tais sistemas tenham sua participação fortalecida ou, ao menos, mantida na oferta de energia local. Já em estados nos quais a transição energética não atingiu grandes proporções e/ou nos quais a pressão dos grupos de poder vinculados às energias tradicionais vigora, é provável que se verifique, ainda que temporariamente, a manutenção ou o fortalecimento de modais antigos, dada a sua historicidade, agremiação de interesses e, comparativamente, menores custos operacionais. É importante atentar-se ao fato de que mesmo em regiões nas quais a transição energética foi mais bem-sucedida, a demanda decrescente por energia afeta a precificação de instalações do S.E.R. e das emissões de carbono, com uma consequente queda nos preços por unidade de CO<sub>2</sub> desde o início da crise (Weko e Lira *apud* Weko et al., 2020; ICAP, 2020).

Uma menor renda advinda da venda de energia renovável aos consumidores para pagamento às empresas produtoras pode significar outra queda para importantes atores do S.E.R., prejudicando a sustentação e a continuidade de vários projetos de energias renováveis. É relevante frisar que a velocidade de instalação de sistemas de energias renováveis tende a sofrer uma desaceleração devido à priorização de infraestrutura emergencial durante a pandemia; adicionalmente, verifica-se a interrupção de cadeias globais de valor de diversas indústrias, o que também afeta equipamentos de energia limpa.

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada para descrever o abandono controlado das fontes tradicionais de energia em prol de energias mais limpas.

Cortes na oferta de grandes fornecedores de partes e maquinários, como a China, e cortes esperados na produção afetam significativamente empresas e trabalhadores do setor. Outro efeito deletério expressivo que se verifica no setor são os cancelamentos de leilões de energia, que, se por um lado afetaram projetos a serem desenvolvidos no setor de hidrocarbonetos (petróleo e gás natural), por outro também afetaram o calendário do desenvolvimento das renováveis, como ocorrido no Brasil em março do presente ano, quando importantes leilões tiveram que ser cancelados como resultado da pandemia (Brasil, 2020; ANP, 2020). No momento de escrita deste estudo, segue incerto como e quando tais certames retornarão.

### **Considerações finais**

Os preços do petróleo recebem especial atenção desde os famosos embargos sincronizados por países árabes na década de 1970. Os choques que se verificaram demonstraram não somente a grande dependência global em relação à commodity, como também trouxeram à baila novas formas de exercício de poder baseadas no controle de recursos energéticos estratégicos. Em outras palavras, apesar da dependência significativa de diversos estados e indústrias em relação ao petróleo já ser observada desde a primeira metade do século XX, o fortalecimento de determinados atores fornecedores capazes, a partir de então, de exercerem pressão de forma isolada ou coordenada foi uma novidade histórica. Atualmente, ao se constatar a crise dos preços do petróleo ocasionada tanto pela guerra de preços russo-saudita quanto pelas atuais medidas de contenção sanitária em um contexto de pandemia, um conjunto de desenvolvimentos colaterais deve ser observado ao se interpretar a situação contemporânea.

Cabe lembrar que os choques do petróleo ocorridos na década de 1970 impulsionaram o desenvolvimento massivo de biocombustíveis e de modais energéticos renováveis de forma ampla. Simultaneamente ao crescimento da retórica ambientalista desde a mesma década, aumentou-se a narrativa do *phasing out*, ou seja, do gradual abandono do petróleo (além de demais modais energéticos “tradicionais”, como a energia nuclear e o carvão) em prol de formas mais limpas de energia. Estes movimentos costumam crescer, de forma imediata, quando há crise em setores tradicionais. Ou seja, dada certa

perda da credibilidade do petróleo e de seus derivados como motores primordiais do funcionamento energético global, abriu-se a possibilidade do crescimento de iniciativas energéticas “alternativas” através da contestação do lugar-comum representado pela indústria dos hidrocarbonetos. Porém, assim como crises passadas não significaram o fim da utilização de petróleo – ou mesmo a diminuição de seu uso, de forma absoluta –, o atual cenário de crise petrolífera dificilmente desferirá um golpe derradeiro nessa indústria, a qual provavelmente tentará uma manutenção de sua posição através de segundas reinvenções. É sempre muito importante que se lembre da multiplicidade de interesses envolvidos na comercialização e na utilização de petróleo e derivados em todo o mundo, isto é, quantos (e quais) atores estão envolvidos nas etapas de exploração e comercialização. Neste âmbito encontram-se estados (petroestados e estados compradores), investidores, tomadores de decisão, grandes empresas e seu representantes. A indústria de petróleo e gás natural gera em torno de US\$ 3,3 trilhões em renda anualmente (McClay, 2020); as economias de diversos países dependem de sua manutenção; e a contínua busca por lucro de investidores neste grande mercado não raro adquire prioridade em relação ao “risco” de se investir em formas alternativas de energia.

Verifica-se atualmente, portanto, embates distintos ao redor de uma grande área-tópico, que é a energia: entusiastas dos combustíveis fósseis vs. entusiastas de energias renováveis; defensores de maior controle estatal sobre o gerenciamento energético vs. adeptos do livre mercado; defensores de quebras sistêmicas vs. defensores da gradualidade de uma transição energética. Estes exemplos não são exaustivos, mas ilustram parte da complexidade de se estimar mudanças no âmbito energético local e global – não menos em momentos de crise como a atual. Isto se dá, de forma simplificada, devido a movimentos que operam com lógicas e objetivos distintos. Tais dicotomizações servem mais como instrumentos de uma explicação pontual do que para elucidar dinâmicas mais profundas, dado que os interesses de atores como estados e investidores costumam ser complexos (manutenção da segurança energética; proteção ambiental e impactos na saúde pública; retorno, segurança e previsibilidade de investimentos). É importante, contudo, que se proceda a esse tipo de apreciação inicial para que não se perca de vista a constante existência de metas conflitantes no âmbito energético que podem levar: a) ao reforço do *business as usual* (ou seja, da forma historicamente comum de se operar a energia no cenário global e

local, com ênfase nos hidrocarbonetos, com participação secundária de fontes renováveis e/ou limpas) ou; b) a uma inflexão sistêmica (ganhos significativos e não retrocedentes dos modais renováveis e/ou limpos em detrimento dos hidrocarbonetos). Nesta possível bifurcação, dado o presente cenário, não há ainda clareza sobre qual panorama possui maior probabilidade de se materializar, mas acompanhar o comportamento dos atores, estatais ou não, que compõem a multiplicidade de interesses envolvidos é um importante passo inicial para se compreender as atuais transformações nesta área tão sensível e dinâmica da energia nas relações internacionais.

*Recebido em 25 de junho. Aprovado em 1 de julho.*

### Referências bibliográficas

ANP (Agência Nacional de Petróleo), 2020. **Rodadas de Licitação de Petróleo e Gás Natural: 17th Bidding Round**. 2020. Disponível em: <<http://rodadas.anp.gov.br/en/17th-bidding-round>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BP, 2020. **Statistical Review of World Energy 2020**: 69th edition. Disponível em: <<https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2020-oil.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

Brasil, 2020. **Imprensa Nacional: Diário Oficial da União: PORTARIA Nº 134, DE 28 DE MARÇO DE 2020**. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-134-de-28-de-marco-de-2020-250263670>>. Acesso: 19 jun. 2020.

EIA (AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO ENERGÉTICA DOS EUA). 2019a. **EIA forecasts world crude oil prices to rise gradually, averaging US\$ 65 per barrel in 2020**. 16 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=38032>>. Acesso em: 23 maio 2020.

EIA (AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO ENERGÉTICA DOS EUA). 2019b. **Short-Term Energy Outlook (STEO)**. Jul. 2019. Disponível em: <<https://www.eia.gov/outlooks/steo/archives/jul19.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

EIA (AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO ENERGÉTICA DOS EUA). 2020a. **Crude oil prices were generally lower in 2019 than in 2018**. 07 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=42415>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

EIA (AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO ENERGÉTICA DOS EUA). 2020b. **EIA forecasts crude oil prices will fall in the first half of 2020, then rise through 2021**. 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=42535>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

EIA (AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO ENERGÉTICA DOS EUA). 2020c. **COVID-19 mitigation efforts result in the lowest U.S. petroleum consumption in decades**. 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=43455>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

IBP (INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS), 2020. **Maiores produtores mundiais de petróleo em 2019**. Disponível em: <<https://www.ibp.org.br/observatorio-do-setor/snapshots/maiores-produtores-mundiais-de-petroleo-em-2019/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ICAP (International Carbon Action Plan). 2020. **Allowance Price Explorer**. Disponível em: <<https://icapcarbonaction.com/en/ets-prices>>. Acesso: 23 jun. 2020.

IEA (AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA), 2020a. **Oil 2020**. Disponível em: <<https://www.iea.org/reports/oil-2020>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

IEA (AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA), 2020b. **Global Energy Review 2020: The impacts of the Covid-19 crisis on global energy demand and CO<sub>2</sub> emissions**. Disponível em: <<https://webstore.iea.org/download/direct/2995>>. Acesso: 15 jun. 2020.

MCCLAY, R. 2020. **Investopedia. Commodities**. Oil. How the Oil and Gas Industry Works. 6 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/investing/oil-gas-industry-overview/B>:  
<<https://webstore.iea.org/login?ReturnUrl=%2fdownload%2fdirect%2f2995>>. Acesso em 27 jun. 2020.

OPEP (ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO). 2020a. **The 9th (Extraordinary) OPEC and non-OPEC Ministerial Meeting concludes**. 9 abr. 2020. Disponível em: <[https://www.opec.org/opec\\_web/en/press\\_room/5882.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/5882.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2020.

OPEP (ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO). 2020b. **The 10th (Extraordinary) OPEC and non-OPEC Ministerial Meeting concludes**. 12 abr. 2020. Disponível em: <[https://www.opec.org/opec\\_web/en/press\\_room/5891.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/5891.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2020.

Weko, S. Eicke, L. Quitzow, R. Bersalli, G. Lira, F. Marian, A. Süsler, D. Thapar, S. Xue, B. **Covid-19 and Carbon Lock-In: Impacts on the Energy transition**. Disponível em: <[https://publications.iass-potsdam.de/rest/items/item\\_6000187\\_3/component/file\\_6000192/content](https://publications.iass-potsdam.de/rest/items/item_6000187_3/component/file_6000192/content)>. Acesso em: 24 jun. 2020.

WORLD'S TOP EXPORTS, 2020a. **Crude Oil Exports by Country**. 15 jun. 2020. Disponível em: <<http://www.worldstopexports.com/worlds-top-oil-exports-country/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

WORLD'S TOP EXPORTS, 2020b. **Crude Oil Imports by Country**. 23 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.worldstopexports.com/crude-oil-imports-by-country/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.